

RUFFATO, Luiz. *Domingos sem Deus*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Mineiro de Cataguases, nascido em 1961, Luiz Ruffato é um nome recorrente na literatura contemporânea nacional. Autor de romances, poesias e ensaios, dedica-se também a organizar antologias, como a recente *Sabe com quem está falando?*, publicada pela Língua Geral em 2012, a qual reúne contos sobre corrupção e poder. Mas é por sua prosa de ficção – que busca dar voz aos trabalhadores brasileiros urbanos, sem ser panfletária- que desde 2000 tem recebido diversos prêmios literários, em especial pelo romance *Eles eram muitos cavalos* (editado pela Boitempo em 2001) que tornou o escritor ganhador do Prêmio APCA de melhor romance de 2001 e do Prêmio Machado de Assis de Narrativa, da Fundação Biblioteca Nacional. É a partir dessa obra que Ruffato ganha mais visibilidade, sendo publicado em sete países e traduzido para o espanhol, o francês, o italiano e, recentemente, para o alemão. A liberdade na construção dessa narrativa – através de suas 69 pequenas histórias – além de entregar ao leitor um perfeito mosaico da cidade de São Paulo, revela ao autor a estrutura formal que procurava para seu projeto maior: *Inferno Provisório* – uma pentalogia sobre o proletariado brasileiro, da qual *Domingos sem Deus* faz parte, como quinto e último volume.

A pentalogia *Inferno Provisório* é composta por *Mamma, son tanto Felice* (2005), *O mundo inimigo* (2005), *Vista parcial da noite* (2006), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011). Com ela, Ruffato pretende fazer um retrato da classe operária brasileira, em seu movimento migratório da zona rural para as grandes capitais, cobrindo o período em que o Brasil sai de uma condição essencialmente agrária e caminha para o pós-industrial (de 1950 a 2002). Segundo o próprio autor, a proposta é contar a história do trabalhador urbano comum, até então não contemplado pelo romance brasileiro burguês, que, quando menciona o operário, retrata-o apenas como sindicalista, revolucionário ou camponês¹. Os cinco volumes são construídos de forma tal que podem ser lidos independentemente, assim como as histórias que os compõem. Esse fato suscita algumas dúvidas e críticas em relação à classificação da pentalogia: romance ou conto? O próprio autor denomina-a “romance fragmentado” (fazendo, inclusive, referência a *Vidas Secas* de Graciliano Ramos), ao mesmo tempo em que declara não estar muito preocupado em enquadrá-la em moldes convencionais.

Domingos sem Deus é composto por seis histórias que não apresentam relação direta entre si, nem mesmo uma sequência cronológica ou personagens comuns. Sob esses aspectos,

¹ Em entrevista no programa *Entrelinhas*, de 13.11.2011, na TV Cultura. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Yzc4HC4vJiQ>>

certamente não poderia ser considerado um romance, pelo menos não em sua concepção tradicional. No entanto, se observado para além da superficialidade de sua macroestrutura, pode-se identificar a existência de uma unidade: há uma personagem principal, maior, na qual todas as outras se incluem - a classe operária. Essa leitura permite dizer que se trata de um romance fragmentado, protagonizado pela classe operária do final do século XX em seu movimento migratório (forçado por questões econômicas), saindo de pequenas e médias cidades mineiras (Rodeiros, Cataguases) em direção a um centro maior - São Paulo, com o objetivo de conquistar um espaço na sociedade de consumo, para, enfim, significar sua existência. Nesse processo migratório envolvem-se gerações, e nem sempre aquela personagem que sonha é a mesma que realiza o sonho. A dissolução da família, o sofrimento, a solidão das pessoas mais velhas, a dor e a submissão da mulher, os filhos indesejados, a desesperança e o fatalismo a que está submetida a classe operária brasileira são os temas presentes na obra.

A forma utilizada por Luiz Ruffato para contar essas histórias originou uma prosa rápida, que não solta o leitor e que dialoga perfeitamente com os temas abordados. É preciso mergulhar profundamente na narrativa para que se possa acompanhá-la, tantos são os recursos utilizados: quebra da linearidade, o *flashback* dentro do *flashback*, a desconstrução da linguagem, a sintaxe alterada, a adjetivação, a tendência à hifenização, a pontuação escassa, as repetições de palavras imprimindo um ritmo diferenciado à leitura. Some-se a isso, recursos visuais como a intrusão repentina de caracteres diferentes, a mudança no tamanho da fonte, o negrito. É esse estranhamento e a necessidade de concentração que transportam o leitor para dentro do texto e, nesse exato momento, ele é físgado pela emoção. Alguns excertos de “Sorte teve a Sandra”, uma das histórias do livro, podem ilustrar um pouco dessa prosa:

E num janeiro verde-branco na quadra da Imperatriz Leopoldinense, em Ramos, conheceu o Fafá, mulato empertigado, falante, dengoso, engraçado, cavalheiro [...] (RUFFATO, 2011, p. 47)

[...] Quando principiou o entojo, ainda especulou, ruas e becos, botequins e barzinhos, mafuás e biroscas, **Fafá, conhece não? Fafá, lembra não?**, infrutífera. Barriga saliente, mão na frente, mão atrás, retirou-se para a casa da mãe [...] Kauê abriu o buê, apavorando a marinheira-de-primeira-viagem(...)

[...] ...e esse chororô escoltou-a,
 primeiro dentinho
 primeiros passos
 primeiras palavras
 primeiros tombos (RUFFATO, 2011, p. 48)

Para contar essas histórias, o autor escolheu um narrador em terceira pessoa, onisciente, porém quase invisível, pois muitas vezes a voz do narrador alterna-se com a da personagem de maneira muito sutil, uma adentrando na outra. Essa característica é reforçada pelo predomínio do discurso indireto livre, e pelo fato de a linguagem utilizada mesclar o padrão culto e o popular, aproximando-se da oralidade. O fragmento a seguir pertence à primeira história *Mirim*, nele podemos observar as características mencionadas.

É sim, mas já foi mais, seu Valdomiro empurrou a pedra três-quatro do dominó para a rabeira, Quando cheguei aqui, mil novecentos e sessenta e sete, mão na frente, mão atrás, nem blusa direito, o frio abraçava a gente, roía os ossos, uma coisa! Sem conhecimento, boca à boca acercou à porta da Conforja, “a maior forjaria da América Latina”, Jardim Pitangueiras, aquela imensidão de fábrica, Sabe fazer o quê, rapaz? Nada não, mas aprendo logo, o senhor querendo.(RUFFATO, 2011, p. 17)

Nas duas últimas histórias de *Domingos sem Deus* observa-se uma evolução social das personagens. Em “Milagres”, o protagonista encontra-se em uma situação financeira melhor (é representante comercial), com uma vida mais organizada. Isso se reflete na forma como o texto é construído, com mais linearidade e com o uso de travessões marcando o discurso direto. Porém, quando menos se espera, a personagem secundária torna-se a principal, e a que antes protagonizava o texto passa a ocupar um espaço bem menor nas cenas seguintes, como se desse seu lugar à outra. As duas personagens protagonistas dividem a mesma história por apresentarem uma característica em comum: o exílio em que vivem, provocado pelas escolhas do passado. “Outra fábula” (em alusão a *Uma fábula* - primeira história do primeiro volume da pentalogia) encerra o livro, tendo como protagonista Luiz Augusto (Guto), um jornalista de São Paulo que, lembrando, também tenta esquecer o passado vivido em Cataguases e toda sua luta para chegar aonde chegou. De certa forma, Guto representa a parcela de trabalhadores operários que conseguiu sair da quase miséria e chegar a uma posição social mais favorecida. O ano da narrativa é 2002, não por coincidência, o mesmo da chegada de outro operário ao poder, inaugurando uma nova fase na história brasileira: a eleição de Lula como presidente do país.

Após a leitura de *Domingos sem Deus*, a sensação que fica é a do profundo abandono a que está subjugada a classe operária brasileira. Por ela, não há ninguém, nem mesmo Deus. É impossível ao leitor atento terminar a obra vendo a sociedade com os mesmos olhos de quando começou a leitura. Todavia, em nenhum momento o narrador foi panfletário, deu lição de moral ou mesmo discursou em prol de qualquer linha política ou social. É nesse sentido que a

prosa ruffatiana merece ser lida, pois inova e humaniza pela forma, ao mesmo tempo prendendo e libertando o leitor para que teça seus próprios juízos.

Roselei Battisti

Mestranda em Letras (URI-FW), área de concentração em Literatura Comparada.

E-mail: rosebatti@tcheturbo.com.br